


“SUJEITO DO DESEMPENHO”: O IDEAL DE PRODUTIVIDADE COMO CONDIÇÃO DE SOFRIMENTO EMOCIONAL EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

“PERFORMANCE SUBJECT”: THE IDEAL OF PRODUCTIVITY AS A CONDITION OF EMOTIONAL SUFFERING IN PSYCHOLOGY STUDENTS

“SUJETO DE DESEMPEÑO”: EL IDEAL DE PRODUCTIVIDAD COMO CONDICIÓN DE SUFRIMIENTO EMOCIONAL EN ESTUDIANTES DE PSICOLOGÍA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n10-170>

Data de submissão: 18/09/2025

Data de publicação: 18/10/2025

Naely dos Santos Justino

Graduada em Psicologia

Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

E-mail: naely.justino@ip.ufal.br

Heliane de Almeida Lins Leitão

Doutora em Psicologia

Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

E-mail: heliane.leitao@ip.ufal.br

Maria Eduarda de Almeida Siqueira

Mestranda em Psicologia

Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

E-mail: maria.siqueira@ip.ufal.br

RESUMO

O presente estudo busca analisar, à luz da teoria psicanalítica de Winnicott em diálogo com estudos sobre a cultura atual, como os impasses da pressão por produtividade e a autoexploração que assolam a sociedade contemporânea impactam a vida universitária e promovem sofrimento emocional entre estudantes de graduação em Psicologia de uma universidade federal no Nordeste do Brasil. Participaram do estudo 25 estudantes com idades entre 19 e 31 anos, sendo a maioria do gênero feminino, solteiros, autodeclarados pretos ou pardos, com baixa renda familiar e que conciliam estudo com trabalho. Os participantes responderam presencialmente a um questionário impresso que apresentava três situações fictícias com final aberto, sendo solicitado que inventassem livremente um desfecho para cada situação. As respostas foram analisadas qualitativamente, conforme Análise de Conteúdo de Bardin, sendo organizadas em três categorias temáticas: O sujeito do desempenho no ambiente universitário; ideal de produtividade e sofrimento psíquico; ações de saúde mental na universidade como contraponto ao sofrimento emocional dos estudantes. Os resultados corroboram a ambivalência do ambiente universitário. Ao reproduzir os valores de produtividade exacerbada e desempenho individual, o ambiente acadêmico promove exaustão, sentimentos de insuficiência e isolamento. Por outro lado, através de ações de assistência psicológica, a instituição estudada tem oferecido espaços de fala, escuta, reflexão e fortalecimento de laços. O estudo pretende contribuir com a discussão do tema, considerando a indissociabilidade entre ambiente e experiência subjetiva, assim como auxiliar no planejamento de políticas estudantis.

Palavras-chave: Produtividade. Desempenho. Vivência Universitária. Sofrimento Psicossocial.

ABSTRACT

This study seeks to analyze, in light of Winnicott's psychoanalytic theory in dialogue with studies on contemporary culture, how the impasses of pressure for productivity and self-exploration that plague contemporary society impact university life and promote emotional distress among undergraduate Psychology students at a federal university in Northeastern Brazil. Twenty-five students between the ages of 19 and 31 participated in the study. The majority were female, single, self-identified as Black or mixed race, with low family income, and who combine study with work. Participants completed a printed questionnaire in person that presented three fictitious open-ended situations, asking them to freely invent an outcome for each situation. The responses were analyzed qualitatively, using Bardin's Content Analysis, and were organized into three thematic categories: The subject of performance in the university environment; ideal productivity and psychological distress; and mental health actions at the university as a counterpoint to students' emotional distress. The results corroborate the ambivalence of the university environment. By reproducing values of heightened productivity and individual performance, the academic environment fosters exhaustion, feelings of inadequacy, and isolation. On the other hand, through psychological support initiatives, the institution studied has offered opportunities for conversation, listening, reflection, and strengthening bonds. The study aims to contribute to the discussion of this topic, considering the inseparability of environment and subjective experience, as well as to assist in the planning of student policies.

Keywords: Productivity. Performance. University Experience. Psychosocial Suffering.

RESUMEN

Este estudio busca analizar, a la luz de la teoría psicoanalítica de Winnicott en diálogo con estudios sobre la cultura contemporánea, cómo los impasses de la presión por la productividad y la autoexploración que plagan la sociedad contemporánea impactan la vida universitaria y promueven el sufrimiento emocional entre estudiantes de Psicología de una universidad federal en el noreste de Brasil. Veinticinco estudiantes entre las edades de 19 y 31 años participaron en el estudio. La mayoría eran mujeres, solteras, autoidentificadas como negras o mestizas, con bajos ingresos familiares y que combinan estudio y trabajo. Los participantes completaron un cuestionario impreso en persona que presentaba tres situaciones abiertas ficticias, pidiéndoles que inventaran libremente un resultado para cada situación. Las respuestas se analizaron cualitativamente, utilizando el Análisis de Contenido de Bardin, y se organizaron en tres categorías temáticas: El tema del desempeño en el entorno universitario; productividad ideal y sufrimiento psicológico; y acciones de salud mental en la universidad como contrapunto al sufrimiento emocional de los estudiantes. Los resultados corroboran la ambivalencia del entorno universitario. Al reproducir valores de mayor productividad y rendimiento individual, el entorno académico fomenta el agotamiento, la sensación de incompetencia y el aislamiento. Por otro lado, mediante iniciativas de apoyo psicológico, la institución estudiada ha ofrecido oportunidades para la conversación, la escucha, la reflexión y el fortalecimiento de vínculos. El estudio busca contribuir al debate sobre este tema, considerando la inseparabilidad del entorno y la experiencia subjetiva, así como contribuir a la planificación de políticas estudiantiles.

Palabras clave: Productividad. Rendimiento. Experiencia Universitaria. Sufrimiento Psicosocial.

1 INTRODUÇÃO

Com novas políticas de acesso e o crescimento nos números de estudantes no ensino superior no Brasil, houve também uma expansão dos estudos sobre as queixas emocionais e os motivos para a evasão desses estudantes (FONAPRACE, 2016 apud Barroso, 2021). Sahão e Kienen (2021) discutem as principais variáveis relacionadas à adaptação dos estudantes ao ensino superior, identificando fatores facilitadores, como a rede de apoio, o fornecimento de informações e a integração acadêmica, bem como fatores dificultadores, como o alto nível de exigência e as múltiplas tarefas do ensino superior, destacando como esses fatores podem impactar diretamente na saúde mental dos alunos. Ademais, o estudo qualitativo de Cassiano et al. (2021) identificou que fatores como as especificidades das novas demandas estudantis, como a sobrecarga de atividades e as relações interpessoais neste ambiente corroboram a desmotivação acadêmica e possível evasão. Com isso, percebe-se a relevância de investigar as vivências universitárias e suas repercussões na saúde e no bem-estar físico, psíquico e social dessa população.

O conceito de sociedade do desempenho, desenvolvido pelo filósofo Byung-Chul Han (2015), considera que na contemporaneidade, onde a biopolítica prevalece, o cansaço e a autoexploração são predominantes, uma vez que o esperado do sujeito é a produção em maior quantidade e melhor qualidade. Em contraponto ao modelo neoliberal, com foco no individualismo e consequente responsabilização excessiva do sujeito, a teoria psicanalítica de Donald W. Winnicott contribui com a compreensão da importância do ambiente e das relações interpessoais, ampliando a análise ao considerar o contexto psicossocial no desenvolvimento e sofrimento emocional dos indivíduos. Assim, na contramão da hodierna dinâmica social que isola o sujeito de maneira negligente, a teoria de Winnicott possibilita reflexões acerca do sujeito contemporâneo que consideram o ambiente enquanto indissociável da constituição subjetiva e dos processos de integração do self.

Nessa perspectiva, Leitão (2017) destaca a crescente preocupação com a saúde mental dos jovens, decorrente do aumento de indicadores de sofrimento emocional entre eles, incluindo depressão, ansiedade e tendências suicidas. A revisão integrativa de Graner e Cerqueira (2019) se aprofunda na análise dos estudos que evidenciam os índices de sofrimento e a qualidade de saúde mental de universitários, mostrando uma associação entre sofrimento psíquico e condições relativas à vida acadêmica e à saúde, de modo que a percepção negativa sobre o ambiente acadêmico apresentou-se como fator de risco para o desenvolvimento de Transtornos Mentais Comuns (TMC), enquanto que indivíduos com apoio social apresentaram menor sofrimento psíquico. Ainda, Graner e Cerqueira (2019) propõem a necessidade de maior investigação de fatores como estruturas pedagógicas e exigências curriculares associadas ao sofrimento emocional e psíquico dessa classe.

Gomes et al. (2023) analisaram documentos referentes ao mapeamento de ações em saúde mental nos serviços de assistência estudantil da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), concluindo que estas são recentes e limitadas. A análise do relatório de 2011 do FONAPRACE (Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis), mostrou um aumento expressivo nas porcentagens de estudantes que enfrentaram crises emocionais e daqueles que buscaram tratamento psiquiátrico e psicológico em comparação aos dados de 2004. Nas pesquisas seguintes, realizadas em 2014 e 2018, “o que se observa é o acréscimo de novos dados investigados em saúde mental, dentre os quais estão a ideação de morte e o pensamento suicida” (Gomes et al., 2023, p. 04).

Diante do exposto, o presente estudo se insere no contexto de um projeto de pesquisa mais amplo que investiga as vicissitudes da vida universitária, buscando conhecer e analisar as experiências dos estudantes e seus impactos na saúde mental e sofrimento emocional. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFAL (1CAAE: 28259320.3.0000.5013). No recorte apresentado neste trabalho, busca-se analisar os impactos do discurso neoliberal de produtividade e desempenho como condição de sofrimento emocional entre estudantes de Psicologia da UFAL, esperando-se, com isso, promover discussões sobre o tema e colaborar com o desenvolvimento de estratégias de cuidado e atenção em saúde mental para a classe discente.

2 CULTURA CONTEMPORÂNEA E SOFRIMENTO EMOCIONAL

A biopolítica refere-se ao controle e gestão sobre a vida dos sujeitos, de forma que práticas e saberes sejam direcionados também à normatização da saúde e do bem-estar (Foucault, 1977). Na contemporaneidade, essa abordagem se intensifica sob a lógica neoliberal, em que a produtividade se torna um imperativo e os sujeitos são constantemente incentivados a maximizar seu potencial em todas as esferas da vida. A digitalização e o uso de dispositivos que monitoram saúde e desempenho reforçam essas práticas, promovendo a estética de sucesso que responsabiliza os sujeitos por sua própria produtividade, sucesso e saúde, além de fazer do jovem o protagonista deste espetáculo de consumo. Para compreender a implicação desses fenômenos no presente trabalho, faz-se necessário apoiar-se em teóricos que contribuem com reflexões acerca dos processos que marcam a contemporaneidade e suas repercussões na subjetivação individual e na coletividade.

Foucault (1977), em seu famoso escrito acerca do biopoder, retrata a época clássica e a descoberta do corpo como objeto e alvo de controle. Através de amplos processos disciplinares que permeiam a vida social, e ao longo dos séculos XVII e XVIII, disciplinas passaram a ser formuladas como métodos amplos de controle, utilizando estratégias de coerção que envolvem um trabalho sobre o corpo e uma manipulação planejada de seus ideais, gestos e comportamentos. Isto é, Foucault (1977)

relaciona o momento histórico das disciplinas ao objetivo de não só aprimorar as habilidades, nem intensificar a subordinação, mas estabelecer uma relação em que, ao mesmo tempo que o sujeito se torna mais obediente, o corpo se torna também mais útil. Assim, o corpo humano é inserido em uma "mecânica do poder" (Foucault, 1977, p.74), a qual estabelece como é possível exercer controle sobre os corpos, não apenas de forma individual, mas incidindo sobre a coletividade, uma vez que para manter a máquina econômica funcionando todas as engrenagens precisam atuar e desempenhar suas funções com excelência.

Han (2015) vai definir o século XXI como a era das patologias neurológicas, relacionadas ao aumento de sofrimento psíquico dos sujeitos, distanciamento e negligenciamento da subjetividade e alteridade, de maneira que “a sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho, também seus habitantes não se chamam mais ‘sujeitos da obediência’, mas sujeitos de desempenho e produção” (Han, 2015, p. 14). Ao referir-se à contemporaneidade, o autor considera que o exigido socialmente não é mais o biopoder coercitivo e normativo, mas agora o controle se espalha por todos os aspectos, demandando menos a adaptação aos rígidos padrões da disciplina e mais uma adaptação às variações flexíveis e imprevisíveis da nova economia. Tal circunstância não significa que a disciplinaridade tem sido renunciada, pelo contrário, a sociedade do desempenho é instituída por meio do sentimento de dever e obrigação que o controle introduz. Todavia, enquanto a sociedade disciplinar é determinada pela negação, obediência e proibição, na sociedade do desempenho há o excesso de positividade e a maximização dos discursos neoliberais de motivação, iniciativa, mérito e sobrecarga. Como Han (2015, p.16) descreve, “o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho”, tornando-se submisso a si mesmo e responsável pelo produto disso, o que culmina no desencadeamento de uma sociedade deprimida ou insuficiente.

Este tipo de análise reitera a necessidade de se considerar as vicissitudes da cultura na produção de sofrimento psíquico. Nesse sentido, Dias (2008) enfatiza a centralidade do ambiente na teoria do amadurecimento emocional de Winnicott, o qual afeta cada fase do desenvolvimento humano. Assim, a teoria de Winnicott pode ser considerada uma ferramenta conceitual relevante para analisar os efeitos do ambiente cultural contemporâneo nos processos subjetivos e expressões de sofrimento individual e coletivo.

Em artigo acerca do biopoder foucaultiano e o contraponto do ambiente facilitador ao desamparo, Mizrahi (2008) reconhece as contribuições de Winnicott na compreensão do mal-estar social contemporâneo, destacando a noção de sociedade do desempenho. A autora apresenta a conjuntura de mal-estar na civilização atual não como intrínseca e inerente à condição humana, mas

como uma construção sociohistórica resultante de um sistema econômico fundamentado em repressão e controle, do qual é possível desviar-se através de espaços potencializadores de criatividade e espontaneidade. Ademais, Mizrahi (2018) articula o pensamento de Foucault com a teoria de Winnicott, apresentando a criatividade como contraponto ao biopoder. Para Winnicott a expressão da agressividade humana não necessariamente estaria atrelada a ideia de violência, mas sim da presença de um outro, primariamente a figura da mãe, o que faz com que o indivíduo deixe de ser, inicialmente, considerado uma ameaça social a ser controlada, para ser enxergado como alguém a ser amparado em suas interações e relações com o mundo. Segundo Winnicott, a expressão da agressividade enquanto força vital está na base dos processos de afirmação de si e da capacidade de viver criativamente. Além disso, a saúde emocional é compreendida enquanto possibilidade de uma vida criativa, em oposição à submissão do indivíduo às demandas ambientais.

Aliado a isto, para Winnicott (1962; 1963) o processo de integração do ego desempenha um papel crucial no desenvolvimento emocional saudável, dependendo da provisão de um ambiente suficientemente bom. A integração do ego no início do desenvolvimento emocional da criança é a base para a transição da dependência total para a dependência relativa, em direção à independência do ambiente e à constituição do self. Winnicott (1960) distingue o self verdadeiro do falso self, de modo que esses se organizam de formas diferentes na constituição subjetiva. O verdadeiro self inicia a sua organização no cenário primário da vida psíquica, enquanto experiência de ilusão criativa do bebê, a qual é sustentada pelos cuidados suficientemente bons oferecidos por uma mãe adaptada às suas necessidades. Quando a provisão ambiental favorece a continuidade da experiência criativa ao longo do desenvolvimento, permite a prevalência do self verdadeiro, espontâneo e capaz de agir no mundo.

Por outro lado, a organização do falso self resulta de falhas na provisão ambiental primária quanto ao atendimento das necessidades do bebê. O ambiente não responsivo ou intrusivo gera respostas reativas do bebê que assume uma posição adaptada e submissa, ao invés de criativa. Almeida e Freitas (2021) mencionam que uma subjetividade moldada, desde a fase primária pelo ataque da realidade externa, apresenta um eu que se adaptou constantemente ao ambiente e às suas possibilidades de ameaça. Assim, diante de uma situação extrema de pouca (ou nenhuma) adaptação do ambiente à singularidade do indivíduo, implanta-se o falso self reativo, e é isso que os observadores tendem a pensar que é a pessoa real. Além disso, quando a provisão do ambiente fracassa, o falso self defende o verdadeiro self para que esse não venha a ser destruído. Nessa circunstância, o suicídio surge como uma possibilidade extrema de proteção ao verdadeiro self que está constantemente sob pressão de uma possível aniquilação.

O falso self tem como interesse principal a procura de condições que tornem possível ao self verdadeiro emergir. Se essas condições não podem ser encontradas, então novas defesas têm de ser reorganizadas contra a expoliação do self verdadeiro, e se houver dúvida o resultado clínico pode ser o suicídio (Winnicott, p.131, 1960).

No contexto do presente estudo, pode-se compreender a expressão do falso self caracterizada por atitudes socialmente agradáveis, polidas, disciplinadas e submissas, na medida em que o sujeito do desempenho está inserido num ambiente que lhe impõe frequentes mudanças às quais deve se adequar. Esse ajuste contínuo aos padrões sociais, à medida que ocorre sem uma integração pessoal genuína, gera um sofrimento psíquico semelhante ao descrito por Han (2015). O sujeito contemporâneo perde a capacidade de se expressar espontaneamente e se sentir autêntico, vivendo uma existência superficial, voltada para atender às exigências de uma sociedade que, embora lhe dê a ilusão de liberdade, na verdade lhe impõe o fardo de desempenho constante. Assim, consideramos que a experiência do sujeito do desempenho descrita por Han (2015) se aproxima do que Winnicott descreveu como manifestação do falso self adaptado ao ambiente.

Assim sendo, a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott permite estabelecer relações entre o ambiente cultural e os modos de constituição subjetiva e sofrimento emocional na atualidade. De maneira específica, o presente trabalho focaliza os desdobramentos de tais relações no público universitário, em especial nos graduandos em Psicologia da UFAL.

3 METODOLOGIA

Participaram do estudo 25 graduandos de Psicologia da UFAL com idades entre 19 e 31 anos, sendo, em sua maioria, do gênero feminino (88%), solteiros (92%), trabalhadores (56%), procedentes de Maceió (68%), autodeclarados enquanto pardos/as (44%) e ou pretos/as (8%). Destaca-se a condição de baixa renda da maioria dos participantes, os quais precisam conciliar o trabalho com os estudos: 78% dos que trabalham afirmam uma renda familiar de até 4 salários mínimos, enquanto 63% dos que não trabalham apresentam uma renda superior a 6 salários mínimos.

Foi elaborado um questionário sociodemográfico seguido de questões do tipo histórias com final aberto. O questionário impresso foi apresentado e aplicado no primeiro semestre de 2024, após leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após o preenchimento dos dados sociodemográficos, os participantes responderam a três situações fictícias com final aberto. As situações fictícias foram construídas a partir de resultados de um estudo anterior com estudantes de vários cursos de graduação da mesma universidade (Leitão et al., 2025). Cada situação apresentava um personagem diante de problemática relacionada à vida universitária com foco em experiências de sobrecarga, rede de apoio e relações interpessoais. Foi apresentado o seguinte comando: “O que

acontece depois? Lucas, Mariana e Júlia são estudantes universitários/as, como você. Pense um pouco sobre a situação de cada um/a deles/as apresentada a seguir, e invente uma história para cada caso. Não há resposta certa ou errada, então use a sua imaginação...”. As histórias apresentavam os seguintes enunciados: (1) Lucas se sente perdido e sozinho, mas ninguém se importa...; (2) Bia vive cercada de pessoas, mas não sabe com quem pode contar...; (3) Pedro está sobrecarregado e acha que não está dando conta de tantas demandas....

As respostas foram submetidas à Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Foi realizada a pré-análise das respostas, sendo uma história trabalhada por vez, seguindo as etapas de: leitura flutuante das respostas e atenção flutuante dos elementos explícitos e/ou implícitos do material obtido (Campos, 2004); elaboração de hipóteses; escolha de materiais e preparação do material.

Apostando no potencial projetivo das histórias, a análise resultou na organização de três categorias temáticas relevantes aos objetivos do estudo. Destaca-se que os pseudônimos atribuídos aos participantes são fictícios a fim de preservar a confidencialidade dos dados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram elencadas as seguintes categorias temáticas para discussão: O sujeito do desempenho no ambiente universitário; ideal de produtividade e sofrimento psíquico; ações de saúde mental na universidade como contraponto ao sofrimento emocional dos estudantes.

4.1 O SUJEITO DO DESEMPENHO NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO

Conforme discussão teórica acima, pode-se afirmar que a atual sociedade do cansaço descrita por Han (2015) se estabelece enquanto um reflexo da prevalência do falso self, uma vez que a idiossincrasia individual e coletiva deixa de ser direcionada à espontaneidade criativa e passa a ocupar um papel robótico de desempenho, sem espaço para a vulnerabilidade, o descanso ou a autenticidade. À luz da teoria de Winnicott, compreende-se a importância central do ambiente no amadurecimento emocional na juventude (Costa et al., 2021). Conforme Klautau (2023), os princípios e valores do modelo socioeconômico vigente repercutem negativamente na subjetividade dos jovens, com impactos na saúde emocional.

Verifica-se que a maioria dos participantes do presente estudo tem entre 19 e 22 anos de idade, período de passagem da adolescência para a vida adulta, marcado pela capacidade de internalizar os cuidados e as funções do ambiente anterior, adaptando-se às novas demandas da vida adulta e desenvolvendo um sentido de ser, o qual exige um trabalho subjetivo específico (Dias, 2008).

Os resultados evidenciam diferenças percebidas pelos estudantes nas exigências acadêmicas do ensino médio em comparação com o ensino universitário e suas consequências subjetivas, como nas narrativas das participantes Nina e Dafne: “Pensa em desistir do curso, pois sempre foi um aluno excelente na escola e agora vê suas notas e desempenho completamente diferente do ensino médio” (Nina); “Pedro percebeu que as demandas da universidade eram muito distintas das demandas do ensino médio, e em determinado momento sentiu que iria colapsar com a quantidade de trabalhos” (Dafne). As respostas acima retratam vivências de insuficiência e sobrecarga acadêmica do personagem, as quais produzem mudanças na percepção de si e da capacidade pessoal, levando a expectativas de ‘desistência’ ou ‘colapso’ pessoal.

As demandas acadêmicas do ensino superior, em comparação com o ensino médio, são mais norteadas pelos princípios do mundo do trabalho, demarcando uma importante mudança na transição da adolescência para a vida adulta. As respostas sugerem que o alto nível de desempenho e produtividade incide sobre a subjetividade e existência pessoal dos estudantes universitários.

Ademais, além das condições institucionais, políticas acadêmicas e projetos pedagógicos, o ambiente escolar se constrói por meio dos laços sociais que podem ser firmados. A maioria das respostas descrevem as relações de amizade e a experiência de pertencimento à universidade como superficiais e frágeis, destacando-se as seguintes: “Bia precisa pedir ajuda, mas ela não sabe a quem ou como pedir” (Margarida); “Bia não consegue sentir que faz parte de algo” (Luna).

As respostas supramencionadas sugerem sentimentos de solidão, não pertencimento e desamparo da personagem ao se deparar com a ausência de um ambiente confiável e acolhedor, tal qual é proposto por Winnicott (1988 apud Prola, Castro e Dias, 2011). Klautau (2023) afirma que o reconhecimento por parte de um grupo social estabelece um status de unidade do eu, de maneira que sua ausência compromete o investimento narcísico.

Fragmentação e fragilidade nas relações interpessoais têm sido descritas como características do laço social na contemporaneidade, com importantes repercussões afetivas (Rocha, 2012). Os dados analisados evidenciam tanto o valor quanto a superficialidade das relações entre os jovens na universidade. Em resposta a duas situações fictícias diferentes, a participante Catarina completa: “Assim (com a sobrecarga de diversas atividades), ele pode se encostar um pouco nos amigos, que entendem completamente a situação dele”; e, posteriormente: “Ele não tem com quem compartilhar seus receios, seus medos. Se sente sozinho e não sabe o que fazer”. Já a participante Anny menciona: “Ela pensou em falar disso com amigos próximos da sala, mas temendo a competitividade do curso e os julgamentos, achou melhor não”. Há nessas declarações duas vertentes a serem discutidas: a

importância e potência das relações interpessoais e o comprometimento desses laços a partir da biopolítica neoliberal que favorece seu enfraquecimento.

Apoiados em Winnicott, Prola et al. (2011, p.486) refletem que “o ser humano se revela e estrutura através do agir, através do desempenhar papéis, através do estabelecer vínculos”. No entanto, a cultura de desempenho individual contribui para o esgarçamento dos laços sociais, substituindo relações baseadas na solidariedade e espontaneidade por vínculos marcados pela competitividade e instrumentalização. A alteridade é frequentemente reduzida a um obstáculo ou concorrente, e não a um outro com quem se constrói sentido coletivo. Tal dinâmica corrói a possibilidade de vínculos genuínos, promovendo um isolamento afetivo travestido de liberdade meritocrática, no qual o fracasso é internalizado como culpa individual e não como expressão de um modelo estruturalmente excludente.

Vale ressaltar que o discurso de alta performance, quando dirigido às classes socialmente vulneráveis, opera como instrumento ideológico de naturalização das desigualdades, ao prescrever a meritocracia como horizonte universal de realização individual. Para os estudantes em situação de fragilidade econômica, os programas de Assistência Estudantil apresentam-se enquanto cruciais para a permanência na universidade, como é o caso do subsídio das bolsas de auxílio estudantil como um complemento à renda ou como renda exclusiva. No entanto, quando os auxílios são insuficientes, a alternativa dos estudantes é conciliar vida acadêmica com trabalho, o que potencializa o sentimento de sobrecarga, reforçando a noção de que produzir em excesso é a única maneira de enfrentar tal realidade. Cassiano et al. (2021) apresentam como isso denota uma deficiência das políticas públicas que deveriam proporcionar condições mínimas de subsistência às pessoas.

As narrativas dos participantes evidenciam tais vulnerabilidades, revelando que precariedades socioeconômicas se traduzem em experiências de sofrimento subjetivo. A resposta de Cláudia proporciona a tangibilidade destas reflexões em relação ao estudante que precisa conciliar estudo e trabalho:

“Pedro entra para o centro acadêmico do curso e para a comissão de formatura de sua turma, para tentar participar de algo, para sentir que é alguém em meio a pessoas tão ativas. Pedro logo começa a se sentir nervoso, procrastina porque tem tanta coisa pra fazer e não sabe por onde começar a fazer algo que ele sabe que vai ficar ruim. Pedro vê seus colegas sendo monitores de matérias interessantes e criando vínculos com professores, Pedro vê seus colegas em grupos de estudos potencializando sua participação nas aulas; e tudo com que Pedro sonhou em fazer se tornou motivo de dor e desesperança, porque Pedro trabalha de segunda a sexta das 13h às 22h e um sábado e um domingo do mês. Pedro não consegue fazer mais que isso”.

Sobre as vulnerabilidades sociais entre os jovens, Klautau, Macedo e Siniscalchi (2021, p.03) afirmam:

estados de desigualdade, de injustiça social e de privação material podem produzir um tipo de sofrimento cujas raízes extrapolam o universo da idiossincrasia individual, revelando como a precarização e vulnerabilidade dos laços de pertencimento e coesão social impactam a posição e a experiência do sujeito no mundo.

É essencial, portanto, reconhecer os efeitos da experiência das desigualdades sociais, que desvalorizam e humilham os sujeitos, de modo a deixar marcas psíquicas que, frequentemente, são negligenciadas. Neste sentido, o princípio da competitividade acadêmica nega ou despreza as diferenças de condições para o desempenho, afirmando uma lógica perversa de meritocracia que aprofunda as desigualdades entre os estudantes.

Dessa forma, a intersecção entre os pensamentos de Winnicott e Han permite uma crítica à sociedade neoliberal contemporânea, que exige do indivíduo uma constante adaptação e performance, mas não oferece as condições para a construção de um self verdadeiro e criativo. Em ambos os casos, o indivíduo, ao tentar atender às exigências externas, perde sua autenticidade e, com isso, compromete sua saúde psíquica, o que, aliado às particularidades da vida estudantil, pode potencializar a desmotivação acadêmica e o sentimento de “não-ser”.

4.2 IDEAL DE PRODUTIVIDADE E SOFRIMENTO PSÍQUICO

Winnicott (1961) propõe que a adolescência constitui um período crítico do desenvolvimento humano, caracterizado por transformações psíquicas e pela reorganização do self. Esse momento de transição, da dependência infantil para uma relativa independência adulta, não ocorre de forma linear ou sem conflitos. Para o autor, trata-se de uma fase de extrema complexidade emocional, marcada por instabilidade, impulsividade, sentimentos de irrealidade, isolamento e, sobretudo, pela intensa busca por uma identidade autêntica de si. Leitão (2017, p.28), apoiada na teoria winnicottiana, menciona que “o sentimento de irrealidade tem relação com o vazio, inutilidade e futilidade”, de modo que tal cenário torna-se propício para a potencialização de vulnerabilidades e quadros depressivos entre os jovens.

Ademais, resultados de um trabalho realizado por Farinha et al. (2019) apontam que exigências exageradas por produtividade e a adaptação à vida universitária podem provocar sofrimento psíquico entre estudantes de graduação, bem como maior frustração frente à demanda de produtividade, visto que isso fomenta uma cultura exploratória de trabalho, individualismo e competição entre colegas (Oliveira & Fernandes, 2016 apud Farinha et al., 2019). Esse cenário pode ser percebido nas respostas de participantes deste estudo, como no exemplo a seguir:

“Ele agarra toda oportunidade que consegue. Ele é representante da turma, presidente do C.A, faz estágio no contraturno e vai para a academia no tempo livre. Pedro está começando a perceber que essa rotina é um tanto pesada demais para ele e ele não está conseguindo os

resultados que queria, mas ele se sente mal em abrir mão de algumas dessas tarefas para ter lazer. Pedro precisa encontrar uma forma de descansar, antes que isso cause mais problemas a sua saúde física e mental” (Patrícia).

A narrativa de Patrícia exemplifica a hodierna lógica de produtividade, em que o “Ser Produtivo” também legitima o ser no mundo, imperando sobre o sujeito de tal modo que produzir seja o que o torna, de fato, alguém, ainda quando isto significa renunciar à própria subjetividade. Esta descrição corresponde ao sujeito do desempenho apontado por Han (2015). Ainda, a ideia de esforço e sacrifício como dever e obrigação permeia a resposta, de forma que se evidencia a maneira como a autoexploração se expressa nos discursos com passividade, colaborando com o sofrimento atrelado à conjuntura de excessos e coação. Produzir, sem prazer e sem saber o porquê, parece o necessário para alcançar êxito frente ao futuro profissional, até questionar-se: “Vale a pena abraçar tudo e não aproveitar nada?” (Joana). Tal pergunta revela o sofrimento que indaga acerca do sentido pessoal da sobrecarga da vida universitária, uma vez que os frutos dessa submissão disfarçada de dedicação parecem incertos e fúteis.

Entretanto, pode ser difícil para os jovens universitários desvincularem-se da lógica dessa biopolítica e renunciarem ao que lhes causa sofrimento, como surge no seguinte relato: “Pedro não quer abandonar suas demandas, pois gosta do sentimento de produtividade” (Lúcia). A produtividade, em sua raiz dicotômica, pode tanto proporcionar sentimentos positivos de proatividade, como ser causador de sofrimento e angústia: “tudo isso faz com que Pedro sinta-se ansioso e sem esperanças, frustrado por não conseguir sentir-se produtivo o bastante, mas na verdade está sobrecarregado” (Lilian). Tais respostas indicam a internalização do valor da produtividade que passa a atuar a partir de uma posição subjetiva de autoexigência e autoexploração, com repercussões emocionais.

À vista disso, Figueira et al. (2020) apontam que estudantes universitários, majoritariamente jovens adultos e adolescentes, são mais suscetíveis ao desenvolvimento de transtornos mentais e experiências de solidão, sendo considerados uma população vulnerável. Em soma, pesquisa realizada por Lima e Santos (2022) tem como resultado que 12,20% dos estudantes de Psicologia do 10º semestre em uma universidade do interior paulista apresentam sinais indicativos da Síndrome de Burnout, enquanto outros 63,41% possuem desgaste emocional muito alto, o que pode propiciar-lhes outras psicopatologias advindas do Burnout.

Segundo Han (2015), o Burnout não é apenas um problema individual, mas um sintoma de uma cultura que glorifica o excesso de trabalho, sendo resultado de um modelo econômico pautado pela hiperperformatividade e pela constante autoexploração, o que insere o sujeito numa dinâmica em que o trabalho deixa de ser meio para realização e passa a ocupar o lugar de objeto do desejo, conduzindo

à exaustão subjetiva e dócil. Na linguagem de Winnicott, adaptar-se radicalmente às demandas de produtividade vigentes pode se constituir numa posição subjetiva adoecida na medida em que a submissão ao ideal social implica na renúncia do si mesmo espontâneo e criativo.

Winnicott (1960) entende a submissão como um contraponto à vida criativa, a qual, por sua vez, é considerada o principal indicador de saúde emocional. Quando o indivíduo busca atender exigências excessivas de adaptação à realidade, toda forma de espontaneidade é subordinada à racionalidade, o que culmina na formação de uma personalidade inautêntica, acarretando um esvaziamento de sentido da existência tão intenso que ele já não faz distinção entre viver o falso self e morrer, encarando a morte como a única possibilidade de ser autêntico (Winnicott, 1960). Nesse sentido, respostas atribuídas pelos participantes levam a ponderar a morte como possibilidade, ainda que de forma simbólica, como nos exemplos a seguir:

“Pedro cansou, faculdade, trabalho, estudo, vida social. Ele pedia socorro (...) Mas esse era o seu sonho, cuidar do outro era o que ele queria fazer” (Silvia).

“Pedro tenta se encaixar em diversas atividades extraclasse, mas ele também tem que trabalhar e dar conta de demandas familiares. Ele está realmente entrando em colapso” (Ruth).

“Todos os dias ele precisa se esforçar ao máximo, e não porque ‘vai dar bons frutos’, é mais porque ‘senão tudo desmorona’ (...) Realmente vale a pena?” (Luna).

Tais relatos expressam a intensidade do sofrimento vivenciado, o qual assume contornos extremos e de insuportabilidade. Leitão (2017) propõe uma reflexão acerca do suicídio entre os jovens sob a perspectiva de Winnicott, considerando que na juventude, em condições normais, a adaptação ao ambiente exige concessões do self verdadeiro as quais, quando excessivas, podem ser experienciadas enquanto ameaça à própria identidade. O falso self torna-se patológico quando a conformidade às exigências externas suprime a espontaneidade, levando o indivíduo a se submeter ao ambiente, sentindo angústia por não conseguir realizar suas potencialidades (Leitão, 2017). Nessa perspectiva, as respostas atribuídas pelos participantes se aproximam do imaginário da morte, quando mencionam o alerta de “colapso”, “desmoronamento” e a busca por “socorro” como indicadores do risco iminente da finitude, isto é, deparar-se com a angústia insustentável de “não-ser”.

Dessa forma, a análise das respostas dos participantes, à luz da psicanálise winnicottiana em articulação com autores contemporâneos como Han (2015) e Mizhari (2008; 2018) revela o sofrimento psicossocial resultante das dinâmicas de poder que moldam a vida contemporânea, evidenciando a intersecção entre biopolítica, controle social e as exigências de eficiência enquanto imperativos sobre a saúde física e psíquica dos estudantes universitários, o que demanda primazia em atenção e cuidado na discussão de políticas que promovam assistência a esta classe.

4.3 AÇÕES DE SAÚDE MENTAL NA UNIVERSIDADE COMO CONTRAPONTO AO SOFRIMENTO EMOCIONAL DOS ESTUDANTES

Klautau, Macedo e Siniscalchi (2021) pontuam que a tarefa de construir dispositivos de escuta para jovens precisa considerar, inicialmente, o trabalho psíquico em torno de duas situações de desamparo: uma própria da condição adolescente e outra específica da situação de vulnerabilidade social. Acrescenta-se a esta ideia, as vulnerabilidades relacionais e emocionais às quais esse sujeito pode estar submetido.

A noção de ambiente em Winnicott (Dias, 2008) pode ser ampliada para compreender o contexto universitário enquanto espaço para o desenvolvimento acadêmico e pessoal do jovem estudante. Na universidade, esse ambiente se materializa em infra-estrutura, disponibilidade de recursos pedagógicos, relações interpessoais de suporte e políticas de assistência e acolhimento que podem oferecer uma base segura para a exploração criativa. Quando a instituição falha em oferecer esse holding (ou sustentação) — seja por excesso de rigidez ou por negligência —, o estudante pode enfrentar experiências de desamparo e sofrimento emocional. Assim, Gomes et al. (2023) propõem que é essencial promover ações que objetivem lidar com o sofrimento dos estudantes, sendo necessária uma abordagem ampla e multiprofissional, com o devido reconhecimento e compromisso institucional.

Ao que tange à Universidade Federal de Alagoas, cenário de construção da presente pesquisa, o estudo realizado por Gomes et al. (2023) buscou identificar e analisar as ações e intervenções em saúde mental voltadas para graduandos, desenvolvidas entre 2010 e 2020 na instituição. As autoras concluíram que essas ações são recentes e ainda limitadas, com maior sistematização a partir de 2016, impulsionadas por políticas de democratização como o Reuni e o Pnaes, especialmente após a inclusão de psicólogos na assistência estudantil em 2014. As iniciativas, majoritariamente preventivas, concentram-se no acolhimento psicológico, encaminhamentos à RAPS e campanhas diversas. Contudo, há dificuldades na articulação interdisciplinar e intersetorial, com ações fragmentadas e ausência de projetos integrados com participação de diferentes setores institucionais (Gomes, et al. 2023).

Entre as respostas analisadas estão narrativas como as de Jane e Paola, respectivamente, que validam a relevância da assistência psicológica disponibilizada pela Universidade: “Bia recebe a informação de que o curso de Psicologia oferece atendimento gratuito para estudantes, o que fez com que ela procure. Com o decorrer dos atendimentos Bia vai se sentindo mais forte para enfrentar esse problema”; e: “Ele precisa da ajuda de alguém, como alguém do SPA (Serviço de Psicologia Aplicada), e cuidar desse sentimento de solidão”.

As narrativas dos estudantes de Psicologia mostram a valorização do auxílio psicológico para o enfrentamento e elaboração das dificuldades e sofrimentos emocionais vivenciados dentro do ambiente acadêmico. Contribui para essa valoração o fato do estudante de Psicologia receber uma formação pautada na compreensão teórica e prática dos determinantes da saúde mental e de seus impactos na vida acadêmica e pessoal dos indivíduos. Ao longo do curso, esse discente adquire conhecimento sobre a importância da escuta qualificada, da intervenção precoce e do acolhimento psicológico como estratégias fundamentais para a promoção do bem-estar e a prevenção de agravos emocionais. Além disso, o autoconhecimento e o cuidado com a saúde mental se colocam como condições associadas à qualidade da formação do profissional de Psicologia.

Na pesquisa realizada por Farinha et al. (2019), estudantes universitários informaram já ter iniciado psicoterapia, mas aspectos socioeconômicos e a acumulação de tarefas contribuíram para a interrupção do acompanhamento, o que evidencia a importância de espaços que ofereçam acolhimento e tratamento gratuitos dentro das instituições. A importância destas ações é afirmada nas respostas de participantes do presente estudo, como por exemplo: “Então ele vai para o atendimento psicológico ofertado pela universidade com o objetivo de aliviar esse sentimento. Ao chegar lá se sente acolhido e com o passar dos atendimentos se sente mais forte” (Susan). E, ainda: “Tenta procurar acolhimento nas pessoas ao seu redor, porém o que mais escuta é ‘só é se esforçar mais’. Pedro começa a se sentir angustiado e (...) decide procurar ajuda psicológica para entender a situação que se encontra no momento” (Jane).

As respostas mencionadas afirmam a função positiva que o ambiente institucional tem desempenhado através da assistência psicológica oferecida para o público discente. Além disso, explicita o princípio neoliberal de produção validando o sistema meritocrático que afirma que “é só se esforçar mais” para obtenção de sucesso, desconsiderando as implicações atreladas a isso. Outras respostas reafirmaram o papel de programas institucionais de assistência estudantil, como evidenciado na fala de Rosa: “Esse momento (Projeto Grupo de Partilha da universidade) foi um divisor de águas na vida de Bia, que agora se sentia bem mais confiante e feliz”.

Os resultados encontrados corroboram a literatura sobre a relevância das ações institucionais. Cerchiari et al. (2005) apud Padovani et al. (2014), por exemplo, ressaltam a importância dos serviços de apoio à saúde mental dentro da Universidade, por fornecer suporte aos casos de sofrimento emocional e contribuir para a prevenção do agravamento dos sintomas entre os discentes.

As respostas dos participantes indicam que as ações ofertadas pela instituição são relevantes e percebidas como recursos de cuidado disponíveis na universidade, em contraponto às pressões de produtividade e competição características do ambiente acadêmico. Neste sentido, a universidade

provê um ambiente de contraponto ao desamparo, na medida em que oferece efetivamente espaços de fala, reflexão, transformação subjetiva e fortalecimento de laços entre os estudantes.

Concluindo, o suporte psicológico, incluindo o acesso a serviços de atendimento clínico e grupos de apoio, é essencial para que os estudantes lidem com o estresse e a pressão acadêmica. Iniciativas voltadas para a promoção do bem-estar emocional nas instituições de ensino superior podem não apenas melhorar as vivências cotidianas dos alunos, mas também potencializar seu desenvolvimento pessoal e acadêmico, criando um ambiente educacional suficientemente bom e mitigando as angústias experienciadas por este grupo.

5 CONCLUSÃO

O estudo pretende contribuir com a reflexão sobre os processos de subjetivação e individualização das contradições socialmente produzidas, de modo que os “fracassos” pessoais são analisados fora de seu contexto cultural e institucional, sendo o sujeito considerado o único responsável por seu sucesso ou derrota. Embora a produtividade seja valorizada pelos participantes, os resultados apontam como a cultura de alta performance pode resultar em jornadas de estudo extenuantes, privação e negligência da saúde mental e física dos estudantes. Além disso, a ênfase exagerada no desempenho pode levar a um ciclo de autoexploração e favorecer um ambiente de individualismo e competição exacerbada, incidindo sobre os laços sociais e a organização do self.

Ainda que tal problemática ultrapasse as fronteiras da universidade e se estenda sobre todos os contextos socioculturais na atualidade, faz-se precípuo ponderar que esse espaço pode constituir uma zona privilegiada de transição entre a dependência e a autonomia dos jovens. Entretanto, o ambiente universitário é representado principalmente como uma arena de competição e solidão, onde o falso self pode prevalecer como forma de adaptação às expectativas externas, em detrimento da espontaneidade e da autenticidade do verdadeiro self. Essa tensão entre o sujeito do desempenho, idealizado pela cultura, e o sujeito real, coloca em destaque o fracasso e os sentimentos de insuficiência individual, com riscos para o processo de amadurecimento e saúde emocional dos jovens.

Em contraste, apostando que o ambiente universitário também pode emergir como espaço potencial de desenvolvimento (Winnicott, 1975), constata-se a necessidade de atenção às políticas de Assistência Estudantil em Saúde Mental, uma vez que, talvez, essas sejam os mais importantes dispositivos disponíveis para nadar contra a onda neoliberal de produtividade e desamparo. Inserindo os cuidados ao estudante como diretriz das ações institucionais pode-se investir na subjetividade criativa ao invés de se incentivar o cansaço do sujeito e sua submissão ao ambiente.

Por fim, compreende-se que as vicissitudes da vida universitária, bem como as nuances do mal-estar na sociedade contemporânea extrapolam o recorte do presente estudo, apontando a necessidade de novas investigações. Ainda, destaca-se que esta pesquisa contou com a participação majoritária de estudantes do gênero feminino, o que instiga uma discussão acerca da autoexploração e exigência por desempenho historicamente e estruturalmente vinculada às mulheres.

Ao destacar o contexto cultural e psicossocial na produção do sofrimento emocional de jovens na contemporaneidade, a presente discussão não subestima a complexidade e singularidade das histórias pessoais. Pretende, entretanto, destacar os fatores ambientais enquanto indissociáveis da experiência subjetiva, os quais não podem ser negligenciados nas pesquisas acerca do mal-estar e do sofrimento psíquico na atualidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. A.; FREITAS, F. S. Subjetividade e desamparo: um olhar winnicottiano sobre a racionalidade neoliberal. *Griot: Revista de Filosofia, Amargosa – BA*, v.21 n.2, p.115-131, 2021.
- BARROSO, M. S. Sobrecarga e satisfação com curso: há efeitos indireto de fatores emocionais dos universitários? *Avaliação Psicológica*. Uberaba 20, p.426-434, 2021.
- CÂMARA, S. G.; CARLOTTO, M. S. Estressores acadêmicos como preditores da síndrome de burnout em estudantes universitários. *Revista Brasileira de Educação*, v. 29, 2024.
- CASSIANO, C. et al. Desmotivação acadêmica: buscando compreender a realidade. *REFACS: [S.l.]*, v. 9, n. 2, p.417-426, 2021.
- COSTA, L.C.R. et al. Adolescer em meio à pandemia de Covid-19: um olhar da teoria do amadurecimento de Winnicott. *Interface, Botucatu*, v. 25, 2021.
- DIAS, E. O. A teoria winnicottiana do amadurecimento como guia da prática clínica. *Natureza Humana*, v.10, p.29-46, 2008.
- FARINHA, G. M., et al. Rodas de Conversa com Universitários: Prevenção e promoção de saúde. *Rev. Nufen: Phenom. Interd. Belém*, 11, p. 19-38, 2019.
- FIGUEIREDO-FERRAZ, H., et al. Desgaste psíquico e problemas de saúde em estudantes de psicologia. *Psicologia em Estudo*, vol. 14, 349-353, 2009.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- GOMES, S. L. M. L. et al. Saúde mental na universidade: ações e intervenções voltadas para os estudantes. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.39, 2023.
- GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. A. R. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciênc. saúde coletiva [online]*, vol.24, n.4, p.1327-1346, 2019.
- HAN, B. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- KLAUTAU, P.; MACEDO, M. M. D.R.; SINISCALCHI, M. Juventude e desamparo: relato de uma pesquisa intervenção. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, e109164, 2021.
- KLAUTAU, P. Tá na roda: Intervenções clínico-políticas em espaços educacionais. *Cad. Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 45 n. 49, p. 57-69, 2023.
- LEITÃO, H. de A. L. Quando a vida não vale a pena: considerações sobre o suicídio entre os jovens. *Tópica: Revista de Psicanálise*, vol. 10, p. 25-32, 2017.
- LEITÃO, H. de A. L. et al. O sofrimento psicossocial na universidade: ouvindo estudantes em tempos de crise. *Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação*, [S. l.], v. 25, n. 01, p. SM08, 2025.

LIMA, H. J. C.; SANTOS, A. Nível de Burnout em discentes do 10º semestre do curso de Psicologia de uma Universidade do Interior Paulista. Unifunec Cient. Mult., v.11, n.13, 2022.

LIRA, M. V. A. et al. Sofrimento mental e desempenho acadêmico em estudantes de Psicologia em Sergipe. Research, Society and Development, [S. l.], v. 10, n. 10, 2021.

MIZRAHI, B. G. Foucault e Winnicott: a vida criativa como contraponto ao biopoder. Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, v. 11, nº 1, p. 68- 93, 2018.

MIZRAHI, B. G. O resgate dos afetos em Winnicott: um contraponto ao biopoder e ao desamparo na atualidade. Cad. Psicanál., CPRJ, Rio de Janeiro, ano 30, n.21, p.233- 251, 2008.

PADOVANI, R. C. et al. Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário. Rev. bras.ter. cogn., vol.10, no.1, p.02-10, 2014.

PROLA, E. E. M. et al. Vínculo: Uma breve reflexão. International Journal of Developmental and Educational Psychology: INFAD. Revista de Psicologia, v. 1, n. 1, p. 483-490, 2011.

ROCHA, Z. de J. B. Violência contemporânea, novas formas de subjetivação e de sofrimento psíquico: desafios clínicos. ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos, v. 30 (2) 55-66, 2012.

WINNICOTT, D. W. (1958) A Capacidade de Estar Só. In: Winnicott, Donald W. O Ambiente e os Processos de Maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, p.31-37, 1983.

WINNICOTT, D. W, (1960) Contratransferência. In: Winnicott, D. W. O Ambiente e os Processos de Maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, p.145-151, 1983.

WINNICOTT, D. W, (1960) Distorção do ego em termos falso e verdadeiro “self”. In: Winnicott, D. W. O Ambiente e os Processos de Maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, p.128-139, 1983.

WINNICOTT, D. W. (1961). Adolescência: transpondo a zona das calmarias. In: Winnicott, D. W. A família e o desenvolvimento individual. São Paulo: Martins Fontes, p. 115-128, 2005.

WINNICOTT, D. W, (1962). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: Winnicott, D. W. O Ambiente e os Processos de Maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, p.55-61, 1983.

WINNICOTT, D. W (1963). Moral e educação. In: Winnicott, D. W. O Ambiente e os Processos de Maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, p.88-98, 1988.

WINNICOTT, D. W. O brincar, a atividade criativa e a busca do eu. In: WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, p.88-107, 1975.